

Expediente


Presidente: Gedeão Silveira Pereira

Vice-presidente: Elmar Konrad

1º Diretor Administrativo: Francisco Lineu Schardong

2º Diretor Administrativo: Paulo Ricardo de Souza Dias

1º Diretor Financeiro: José Alcindo de Souza Ávila

2º Diretor Financeiro: Domingos Antônio Velho Lopes

Sul Rural

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon

Jornalista responsável: Samuel Lima (MTB 19.526/RS)

Projeto gráfico: Gerson Raugust

Fotos: Tiago Francisco, Emerson Foguinho, Marco Quintana e arquivo

Colaboração: Alessandra Bergmann e Gerson Raugust

Circulação Mensal

Administração, redação e comercial:

Praça Saint Pastous, 125 / 5º andar

Porto Alegre/RS - Cep 90050-390

Telefone: (51) 3214.4400

Site: www.sulrural.com.br

E-mail: sulrural@farsul.org.br

Editorial

A centésima

Nos primeiros meses de 2003, o Brasil atravessava época de discussões acaloradas e desinformação para todo lado. A pauta do momento era a regulamentação do uso de sementes geneticamente modificadas na produção, ou seja, os transgênicos. A posição do setor era firme e reverberava com declarações do então presidente da Farsul, Carlos Sperotto: era preciso plantar com as novas tecnologias para elevar a produtividade das lavouras, ganhando competitividade no mercado interno e externo.

De quebra, a medida traria outros benefícios importantíssimos, como a sustentabilidade na expansão dos investimentos para atender a demanda alimentar. A alta no volume sairia pelo incremento dos rendimentos, muito mais do que pela abertura de novas áreas. Só que, na contramão da ciência, parte da sociedade criava ranço pela tecnologia, ouvindo as mais absurdas barbaridades lançadas aos quatro ventos por porta-vozes de um ativismo irracional e pouco afeito a dados reais e ao debate técnico.

Aquele cenário motivou a Farsul e a Casa Rural — Centro do Agronegócio a chamarem uma série de gabaritados especialistas na área de agricultura e biotecnologia de diversos países para o Seminário Internacional sobre Organismos Geneticamente Modificados. Assim aconteceu a primeira etapa do Fórum Permanente do Agronegócio, entre os dias 17 e 18 de junho, no Teatro do Sesi, em Porto Alegre. O evento reuniu cerca de 1,5 mil produtores rurais com painéis que incluíram pesquisadores renomados como o canadense Patrick Moore, o argentino Moises Buratchik e o brasileiro Ernesto Paterniani.

Desde então, foram inúmeros encontros, dias de campo, palestras, apresentação de resultados, discussões pertinentes, mobilizações necessárias. Todas essas ações culminaram na 100ª edição do Fórum Permanente do Agronegócio — que não poderia transmitir mensagem mais relevante para a sociedade: o agronegócio é formado de gente séria, trabalhadora, empreendedora e por uma juventude ambiciosa, enérgica e absolutamente capaz de elevar a atividade em níveis sequer imagináveis hoje.

A história do Fórum Permanente do Agronegócio envolve produtos inovadores e experiências únicas no meio rural gaúcho, sempre com o viés da transmissão de conhecimento e do estímulo à profissionalização. Em 2009, quatro etapas do Fórum resultaram em uma carta dos produtores gaúchos pela aprovação de um Código Florestal mais justo e equilibrado. A tecnologia de produção de soja foi discutida tanto na velha quanto na nova fronteira. Produtoras e jovens do meio rural encontraram espaço para impulsionar a representatividade no setor e suscitar debates atuais e relevantes. E o Sistema Farsul ainda lançou, dentro do Fórum, duas perguntas que viraram febre no interior do Estado: De onde virão os terneiros? Para onde irão os novilhos?

Foram 16 anos de impacto na agropecuária gaúcha, que envolveram o trabalho de centenas de entusiastas do agronegócio. Gente que tem plena confiança de que a melhor maneira de desenvolver a atividade e manter as novas gerações na terra é pela ciência e pela tecnologia.

Crônica

Noite escura e perfumada

A chegada à terceira idade aumenta nossa tolerância com as limitações naturais, o que não impede e até estimula alguma gozação sobre dificuldades que também são as nossas. Ouvi muitas histórias na infância, sobretudo as que envolviam a sábia tolerância de meu avô paterno e a estância em que nasci. São relatos muito antigos em que é difícil separar os fatos, das lorotas contadas de boca em boca e que vão sendo enriquecidas com o passar dos anos. Dias atrás, recordei a visita de um parente no tempo em que elas duravam alguns dias, até para que os hóspedes descansassem das muitas horas de cavalgada. Seu Arcanjo, compadre de meu avô estava no cerne. Convivia com deficiências de visão, audição e mais algumas outras, num tempo em que não se operava catarata, não existiam aparelhos auditivos, nem outros recursos da modernidade. Ele se ia adaptando, como fizera ao escolher o cavalo para o passeio: tinha de ser maduro, bem manso, de bom trote e conhecedor de caminhos.

Meu avô apreciava muito as visitas do parente amigo e sabia um bocadinho sobre suas manias e necessidades. Assim encaminhou o compadre para quarto em um puxado de construção recente, com

acesso direto ao exterior e com piso firme, sem degraus. Além do mais, havia uma segunda cama que permitia a presença amiga de peão antigo, companhia muito conveniente até por ser alguém mais moço, com menos baldas e achaques. O quarto de comunicava com depósito sem aberturas e com as paredes parcialmente cobertas por prateleiras que, entre outras utilidades, serviam para guardar e ma-

Ouvi muitas histórias na infância, sobretudo as que envolviam a sábia tolerância de meu avô paterno e a estância em que nasci.

turar queijos. O tal depósito, com porta e trinco semelhantes às das aberturas da casa, não deveria interferir na visita. Embora vazio e submetido a limpezas, conservava o cheiro proveniente da sua utilização habitual.

O tempo se enchia com muita prosa, rodas de mate e palheiros pitados

bem devagar. Os compadres partilhavam com o pessoal do galpão histórias que voltavam longe no passado e, não raro, desafiavam a credulidade dos mais novos. Quando isso ficava evidente, algum dos mais velhos lamentava estarem mortas todas as pessoas que poderiam confirmar a veracidade das afirmações. Das coisas atuais, tempos de parrelheiros eram cochichados e lambanças políticas, contrabando e negócios suspeitos relatados em voz baixa, exigindo que os velhos colocassem mãos em concha por trás das orelhas para acompanhar o assunto. Mas sempre havia o que tratar em voz alta, entrecortada por gargalhadas, sobretudo após nacos de carne gorda, batata doce e algum doce caseiro. O dia seguinte seria de rodeio grande e todos teriam de dormir bem para levantar na madrugada e enfrentar as lidas campeiras. Tirar leite das vacas mansas, recolher a cavalhada, tudo seguia uma ordem não discutida e que prosseguia com café, bolacha e alguma carne requentada da noite anterior. Encilhar os cavalos e sair para a campereada era bem rápido, às vezes com ganidos de cachorros novos, correndo para fugir das patas dos cavalos.

E lá estava o nosso visitante, pronto a participar das lidas, ainda que o patrão



*Blau Souza
Médico e escritor*

o tivesse dispensado de qualquer tarefa. Um risinho esboçado na boca de seu companheiro de quarto traduzia a incerteza quanto ao total conhecimento do que fizera durante a noite, e do anúncio que interromperia seu sono. Não contaria para ninguém, ele que seguia as ordens do patrão para bem servir ao hóspede e colocara um penico debaixo de sua cama. Ocorre que dormira logo, e só acordara depois da meia-noite e com o visitante voltando para a cama, depois de ter desaguachado, sem usar o conforto do urinol. Preferira urinar de pé, na rua, olhando as estrelas. E tudo pareceria correto, não fosse o comentário que fez sobre o tempo, com voz alta de surdo antigo. Que disse o velho Arcanjo? De forma bem clara, sem duvidar dos próprios olhos, e com a pretensa sabedoria dos experientes, lascou: “Noite escura e cheira a queijo”.